**Qual o nome completo do senhor?**

Elias Barbosa da Silva.

**O senhor está há quanto tempo na casa?**

[Estou no acolhimento há] 6 meses, 5 meses.

**Antes de vir para a casa o senhor estava onde?**

[Antes do acolhimento] Eu estava numa casa de recuperação [comunidade terapêutica] chamada salve a si.

**O senhor ficou quanto tempo lá?**

[Fiquei na comunidade terapêutica] 3 meses.

**Antes de lá o senhor estava onde?**

[Antes da comunidade terapêutica eu estava] Na minha casa.

**Onde era a casa do senhor?**

Minha casa era no guará.

**Você já estava nessa casa a quanto tempo?**

Uns 4 anos.

**Você estava morando sozinho?**

[Antes da comunidade terapêutica eu morava] Sozinho, é quitinete.

**O senhor já ficou na rua mesmo?**

Já, fiquei muito tempo na rua. Morava lá na Rodoviária do plano piloto, na rodoferroviária também já morei. Já fiquei no albergue do Areal, também, já morei na rua em Campinas. Morei na rua no Brasil inteiro, já, aqui em Brasília que estabilizei um pouco.

**A situação de rua do senhor começou quando?**

A [minha] situação de rua começou em 2005. Eu aprendi a usar droga. Tinha 35 anos de idade e aprendi a usar droga. Tinha 35 anos de idade e fui aprender a usar droga. Aí eu perdi meus emprego, fui perdendo emprego, aí acabei morando na rua. Arrumava emprego, mas logo logo perdia os emprego também.

**O senhor trabalhava de que antes?**

Eu trabalhava de motorista de caminhão.

**Era carteira assinada?**

[Meus trabalhos] Era carteira assinada, toda vida.

**Você trabalhou quanto tempo?**

[Trabalhei] vinte e poucos anos de carteira assinada.

**E o senhor rodava o Brasil inteiro?**

Já rodei o Brasil inteiro quase.

**A maior parte do tempo o senhor esteve trabalhando e morando no cantinho do senhor?**

Trabalhando e morando no meu canto, graças a Deus.

**O senhor começou a morar só a partir de que idade?**

35 anos.

**Antes disso o senhor morava com outra pessoa?**

[Antes de começar a situação e rua] Eu morava com outra pessoa.

**O senhor era casado?**

Eu sou casado e desquitado.

**Tem filho?**

Tenho uma filha. Tenho uma filha, mora no Guará.

**O senhor passou quanto tempo casado?**

Eu casei já 3 vezes já. Somando tudo vai dar um bocado de ano.

**Me conta essa história dos 3 casamentos.**

O primeiro [casamento] eu tinha 18 anos, 18 anos, eu trabalhava com caminhão, né, eu tinha 18, com 23 eu separei. Aí, depois eu tive outros envolvimentos que não foi casamento, mas eu morava junto com as mulheres.

**Antes desse primeiro casamento o senhor morava com quem?**

[Antes do primeiro casamento eu morava] Com a minha mãe.

**O senhor cresceu com morando com sua mãe?**

[Cresci morando] Com a minha mãe.

**O senhor tem irmãos?**

Tem 11 [irmãos].

**E o senhor mantém contato com eles?**

Sim, todo dia [mantenho contato com meus irmãos].

**Todo dia o senhor fala com eles?**

Todo dia.

**E eles te ajudam? Tem condição de ajudar com alguma coisa?**

[Meus irmãos] Tem [condições de me ajudar], mas eu não peço, não. Eu gosto de viver independente. Não gosto de dar trabalho para as pessoas, não.

**Quando eu morava com sua mãe, o pai do senhor morava junto?**

Não [morava comigo], meu pai é separado da minha mãe, meu pai tem outra família.

**Sempre foi assim ou teve algum momento em que ele morou junto com vocês?**

Ele [Pai] morou junto com a minha mãe, mas foi antes de eu nascer.

**O senhor mantinha relação com ele?**

Até hoje [tenho relação com meu pai].

**O senhor chegou a ir para a escola?**

Já [fui para a escola], estudei.

**O senhor estudou até que série?**

[Estudei] Até a sétima série.

**O senhor deixou de estudar porque?**

Eu [deixei de estudar porque] trabalhava viajando. Sou caminhoneiro. Antes de ser caminhoneiro, era ajudante de caminhão, cobrador. Aí eu fui trabalhar cobrador de ônibus. Trabalhava de cobrador de ônibus, viajava muito, era no interior. Aí parei de estudar, nunca mais estudei não.

**Isso também era carteira assinada?**

Era [carteira assinada], a primeira vez que eu assinei carteira eu tinha 12 anos de idade. Naquela época podia assinar carteira, sabe, agora que não pode. Menino agora só pode roubar, trabalhar não pode não. Naquela época minha podia, sabe, eu comecei a trabalhar na expresso Luís, de Goiânia, ali, eu tinha 12 anos de idade.

**O senhor já foi preso alguma vez?**

Não, só [fui preso] para averiguação, só, assim, de processo, não. Só fui detido.

**E como é que foi morar na rua, passar, passar a viver na rua?**

Ah! Morar na rua é uma experiência bem esquisita, porque a pessoa vai acostumando com aquela rua ali, sabe? Pessoal acostuma, e o mundo vira aquilo ali. A pessoa fica satisfeita com aquilo. Não quer mais saber de vida social, tomar banho, acha que tá bom. Acho que foi por acaso que Deus falou vou tirar esse cara da rua e tirou. Eu estava lá em São Paulo, bem acostumado na rua. Aí eu vim para cá, para Brasília. Aí o pessoal [Serviço de Abordagem Social] pegava eu lá, levava pro albergue. O pessoal do caps me levava pro albergue, conhecia eu, sabe? Aí começou a desenvolver um trabalho no caps, tal. Eu comecei a me envolver com o caps, inclusive, to vindo do caps agoira. Aí eu conheci uma pessoa, essa pessoa engravidou, tive uma filha, aí misturou as 2 coisas [Caps e família]. A responsabilidade da filha, com as experiências que eu tenho no caps, o pessoal da igreja também. Aí foi misturando, né? Eu fui mudando de ideia, mas até hoje eu sinto falta da rua ainda. A rua costuma a pessoa de um jeito que a pessoa começa a ser apaixonado pelo aquilo. Que tem Liberdade, não tem responsabilidade com nada. Tem que levantar de manhã, não tem que pagar o aluguel. Você vê, por exemplo, porque a sociedade Brasileira é o seguinte. Ou você tá na rua, ou da noite pro dia você tem que estar bem empregado com a casa instalada, com condições e tudo. Por exemplo, as políticas sociais elas ajuda a gente de uma forma, o seguinte, se você tiver em situação de vulnerabilidade, ela te ajuda. Mas igual, por exemplo, eu, no meu caso, estou nessa transição de vulnerabilidade para a vida social. Eu, eu comprei uma máquina de fazer Jardim, certo? Eu consegui fazer um Jardim esse mês. O Jardim foi R$200,00. Se eu colocar lá no meu cadastro único que eu ganhei R$200,00 esse mês das minhas próprias, pelos meus próprios meios, eu já automaticamente, eu já perco todo os meus benefícios, né, então, quer dizer, é uma política, assim, que força a pessoa a viver na vulnerabilidade, tem cara que, tem cara que vira as costas até pro serviço. Então, por exemplo, eu estou procurando voltar pro meu aluguel pro Guará. Né? Mas os primeiros meses de aluguel é difícil. Nos primeiros meses é difícil, né? E aí eu vou depender do Cras, o Cras é aquela fila longa, mas eu tenho essa mentalidade de que a rua não é para mim mais. Porque eu fiquei muito velho. E porque eu tenho a minha filha, já acostumei, mais aquela vontade, assim, de vez em quando dá vontade, de poxa, a rua não tem responsabilidade com nada, não precisa correr atrás de nada, não tem essa loucura de ficar desesperado atrás de dinheiro, não tem essa loucura de ter que ficar socialmente bonito, bem vestido, não tem essa loucura de estar 24 horas tendo na porta de uma empresa, pedindo emprego, pagar R$1.000,00 por mês. Pra você vê, eu era era caminhoneiro. Sou classificado operador e caçambeiro, muqueiro. Se eu tivesse trabalho com caminhão, meu salário era em torno de 4, 5 mil BRL. Aí, como a minha habilitação está vencida, eu vou procurar emprego aí eu encontro emprego de R$1.000,00, R$1.200,00, é um salário mínimo. Eu fui trabalhar numa padaria ali que era um salário mínimo, ainda desconta, desconta todos os impostos, né? Ia sobrar 1000 e poucos reais, aí você paga 400 BRL de pensão pra minha filha, aí eu pago mais 500 reais de aluguel, da 900, e aí vai comer o quê? Né, é uma situação meio complicada. Mas to lutando aí, vai dar certo.

**O senhor mencionou a assistência. O senhor está sendo atendido além do acolhimento, da vaga, em alguma unidade do Cras, do Creas?**

Não [estou sendo atendido em Cras ou Creas], só aqui [no acolhimento] mesmo. Quando a gente entra na casa [de acolhimento] automaticamente desliga dos outros atendimentos. Além daqui [do abrigo], eu só sou atendido no caps porque eu já sou filho do caps. Há muito tempo, sabe? Eu sou vinculado ao caps AD, da Rodoviária do plano, há muito tempo, muito tempo mesmo. Até quando eu morava na minha casa eu nunca deixei de participar do caps.

**Quando é que o senhor percebeu assim que precisava desse tipo de atendimento do Caps?**

Não, [Percebi que precisava do atendimento do Caps] quando eu saí de São Paulo e vim para cá para Brasília. Aí, automaticamente eu participava do, eu fiquei no albergue do Areal. Em que o pessoal já me conhecia, tinha umas kombis [Serviço de Abordagem Social] naquela época, levava eu para lá. Mas foi quando nasceu a minha filha. A minha filha nasceu em 2014, aí eu tentei, falei, eu vou trabalhar. Aí eu consegui, com muito custo, consegui uma vaga numa empresa terceirizada aí da Caesb. Muita dificuldade. A mulher falou, vou te contratar, só porque eu tô precisando, mas a sua carteira tá muito picada, porque eu trabalhava um mês num, outro no outro, né? Embora eu tenha um currículo muito bom, mas aí o meu currículo ficou furado. Mas aí pelo meu profissionalismo, ela me aceitou. Mas só que como eu usava droga, não adiantava só eu arrumar um emprego, tinha que ter uma política para sustentar a minha abstinência. Aí, logo com pouco tempo de trabalho eu já tive problema com a droga, não aguentei segurar as pontas sozinho. Eu achei que dava conta, mas não dá conta. Aí eu fui pro caps, internei numa clínica [comunidade terapêutica] e aí de lá para cá nunca mais sai do caps, não, nunca mais o abandonei o caps.

**Em outros lugares que o senhor passou, como São Paulo, o senhor tinha atendimento da assistência social? O senhor buscava a assistência?**

Não [fui atendido na assistência social em outras cidades], nunca mexi com isso não. Naquele tempo eu ainda trabalhava, eu chegava [em alguma cidade], procurava logo um lugar pra mim trabalhar, uma usina de cana, alguma coisa. Aí, lá em São Paulo, fiquei 2 anos na rua mesmo, na rua. O pessoal do caps chegava lá [na rua em São Paulo], mas nunca fui, só fui no albergue em Campinas. Aí, uma vez eu ganhei lá do caps eu ganhei uma passagem pra minha casa, lá em Rondonópolis, em Mato Grosso. Mas foi só isso aí, o caps funcionou mais na minha vida foi só aqui mesmo [em Brasília].

**O senhor morou em Rondonópolis?**

Rondonópolis já morei também.

**Lá o senhor também chegou a ficar na rua?**

Não [fiquei na rua em Rondópolis], lá eu era profissional. Eu trabalhava num caminhão, né, não era bem Rondonópolis, não, era uma empresa de Jaciara. Trabalhei num ônibus lá também.

**Contando desde a primeira vez que o senhor ficou na rua, tem quanto tempo?**

Tem 22 anos [que comecei a situação de rua], foi 2005, estamos em 22, tem 17 anos, 17 anos, já.

**Foi sempre alternando?**

Uma hora conseguia um trabalho, no começo era mais difícil, sempre eu trabalhava em fazenda que tinha alojamento, né, aí não tinha ficado na rua, não. Depois, com certo tempo, eu conheci a rua, acostumei. A rua costuma o cara rapidinho, sabe. A rua acostuma.

**E na rua, com quem que você conta para te ajudar na hora que o bicho pega mesmo? A quem que você recorre?**

É com Deus [que eu conto para me ajudar], só, Deus e eu mesmo e minhas habilidades, que eu sou, eu sou, o pessoal me chama aí de cantor, aí, eu cantava nos barzinho, aí nos lugares da rua e cantava. Eu vivia na rua mesmo. Estava todo lascado, bebendo pinga, bebida dia e noite. Pedia esmola no farol, fazia palhaçada. Eu não roubava, não. Tem cara que fala que, ha, o cara rouba, que usa drogas, mentira, eu usei droga 10 anos, nunca precisei roubar de ninguém não.

**Você usava o quê?**

[Eu usava] Crack, crack, mesmo, tem cara que fala todo o cara que usa crack rouba, é mentira. Isso aí é desculpa do cara, é desculpa do cara, o cara é ladrão profissional e bota desculpa na droga, o cara fala, há, fulano matou o cara ali porque tava drogado, mentira, ninguém mata ninguém porque tava drogado, vivi 10 anos, drogadinho, la em São Paulo na Cracolândia é muito droga. É muita droga, 10 anos na Cracolândia, 2 anos lá, só na Cracolândia, em 2 anos nunca teve esse negócio de matar e roubar. Isso não tem isso não. Isso é mentira.

**Quando que você percebeu que a droga virou um problema para você, que saiu de controle?**

Quando a minha filha nasceu, quando minha filha nasceu, eu vi [que a droga virou um problema]. Eu vi a, porque eu nunca tive filho. Minha filha nasceu, aí eu vi a necessidade de sustentar ela, porque quando era sozinho, só eu e Deus, na rua tava bom demais pra mim, mas aí, a partir do momento em que apareceu uma criança na minha vida, eu peguei e comecei a batalhar por ela, eu, a mãe dela também, a mãe dela também parou com tudo, nunca mais mexeu com isso. Bem empregada hoje, graças a Deus.

**Então, em algum momento, a mãe dela também passou alguma situação de rua**?

Foi algum momento [que a minha ex-esposa usou drogas também], é, por pouco tempo, passou algum momento bem difícil assim comigo, mas também abandonou de uma hora para outra. Só foi ela engravidar tomou rumo. Estabilizou.

**O senhor se considera branco, preto, pardo, amarelo, indígena?**

Eu sou preto.

**Você está com quantos anos?**

52 anos.

**Você estudou até a sétima série?**

**O senhor é caminhoneiro, muqueiro, operador de caçamba.**

Minha habilitação está vencida, vou ver se agora eu consigo fazer habilitação social. Vou esperar virar o janeiro aqui. Final de janeiro. Porque eu tive uma recaída esses tempo atrás aí, que eu fui pra casa de recuperação. A habilitação tem que tem que ter pelo menos 6 meses limpo. E eu completei agora 6 meses que eu não uso drogas, não bebo nenhum tipo de bebida alcóolica.

**Precisa fazer o exame toxicológico.**

[Para renovar a carteira de habilitação preciso] Fazer exame toxicológico, aí, graças a Deus eu estabeleci, é, estabilizei emocionalmente. Porque eu já tinha 4 anos que eu não usava nada, não bebia, não usava nada. E quando começou a pandemia, de lá para cá, da pandemia, eu tinha minha casinha, meu trabalho. Eu trabalhava vendendo sacos de lixo, aí começou a dar errado minhas coisas e foi dando um monte de coisa errada de uma vez. Quando pensou que não, a pessoa estava bebendo. Do começo da pandemia para cá a coisa complicou um pouco pro meu lado.

**O que mudou de antes da pandemia para o momento que começou a pandemia, o que mudou na vida do senhor?**

Não, foi muita coisa [que mudou na minha vida] de uma vez só [com a pandemia]. Eu separei, foi acumulando coisas, assim, parece que foi feito, já, justamente, faz, foi feito pra me derrubar mesmo. Eu estava bem estabilizado emocionalmente, financeiramente. Profissionalmente, tava trabalhando pra mim mesmo. Mas, acho que, não vou botar a culpa na situação, não. Acho que eu afrouxei um pouco. Foi, assim, as minhas terapias, mesmo, de cuidado. Sabe? Porque a recuperação é uma coisa que tem que tem que ter muito cuidado mesmo. Você tem que passar o resto da vida se cuidando. Você não pode relaxar de jeito nenhum, é igual um jogo de futebol. Se o goleiro piscar o olho, a bola vai entrar, pô. Eu não, não costumo colocar a culpa, o meu psicólogo pergunta direto que que aconteceu, por que que você recaiu? Você brigou com a namorada? Não, cara, não faz isso comigo, não, falo pra ele, Dr, não bota a culpa nos outros não. Eu tenho 52 anos, sou responsável pelas minhas atitudes. Eu recai que eu tava com saudade de tomar uma, achei que dava conta de beber uma e ficar de boa. Infelizmente, não dá. O cara, o cara que usa droga uma vez ele não pode nunca mais na vida tomar uma cerveja. Eu tomei uma latinha de cerveja, vai, na segunda, eu já fui pra boca de fumo. E a realidade é essa. Eu não fico medindo palavras, não, eu falo é a verdade. Negócio de ficar arrudiando, dar uma de coitadinho, não dou uma de coitadinho, não. O responsável por mim sou eu mesmo. Não tem muita frescura não. 52 anos, eu vi que você ficou sentido, cê é branco, preto ou pardo. As pessoas têm vergonha até de perguntar pra um cara se ele é preto, eu não tenho, eu sou preto, nasci preto, eu sou preto, se eu fosse viado, pode me chamar de viado, não tem essa frescura, agora eu vejo aí no mundo, o cara é viado não pode ser chamado de viado, o cara é gordo, não pode chamar de gordo, o cara é preto, não pode ser chamado de preto, eu sou preto, caramba, sou preto, sou pobre e sou, assim, meio desbocado. Tem essa frescura, não.

**Você já sofreu discriminação?**

Nem sinto [discriminação]. Discriminação quem faz é a própria pessoa. Ai, moço, meu apelido é neguinho, é Pelé, é tizil, né, meus apelido é tudo desse jeito, né, esse negócio de sofrer porque alguém te chamou de preto, isso é coisa da cabeça do próprio preto, rapaz, isso é frescura, isso não existe não, eu sei lá, eu só, pessoal me critica muito quando eu falo isso, mas eu acho que se batesse menos nessa tecla, acho que as pessoas seriam menos criticada. Por exemplo, o cara vai lá jogar futebol só porque o cara jogou uma casca de banana dentro do campo, vira uma manchete, vira uma frescura, passa o mês inteiro falando nisso, o jornal nacional, é jornal da Record, é o Brasil inteiro falou, jogou a casca de banana no chão, pega a casca de banana e joga no lixo, vai jogar sua bola, fica quieto, pronto, quem jogou vai ficar com a cara de besta. A minha concepção é essa, né? Eu acredito que o Brasil foi muita frescura e sobre uma coisinha muito simples, não precisa disso. Tem tanta coisa para cuidar no Brasil, não, porque chamou o outro de neguinho. Chamou, chamou, moço. Vira as costas e vai embora.

**O senhor recebe o auxílio Brasil?**

Recebo [o auxílio brasil].

**O senhor fez o cadastro onde?**

Cadastro [único] eu fiz quando eu estava lá no guará ainda, porque, desde quando eu saí da rua...

**Lá no Cras?**

[Fiz o cadastro único] Lá no Cras do guará. Desde quando eu sai da rua, a Assistente social do guará, ela conhece minha história, e ela gostava de mim porque ela viu que eu tava investindo bem, que eu tinha minha filha, toda vez que eu ia lá ela perguntava você está visitando a criança, eu nunca fui casado, sabe?

**Nesse momento o senhor já estava em situação de rua?**

No Cras não atende em situação de rua, quem atende em situação de rua é o [centro] pop. A partir do momento que eu sai do pop, fui para minha casa, eu deixo de ser participar do pop e vou participar do Cras. O Cras ele assiste a pessoa que tá em vulnerabilidade social, mas a pessoa que tem uma casa. Quando eu fui para o cras do guará, eu já tinha casa lá. Foi quando eu saí da rua. Quando eu sai da rua, que a minha menina engravidou e o pai dela ajudou eu pagar um aluguel, sai da rua. Aí fui trabalhar numa empresa, tal, mas depois recaí, perdi meu emprego. Só que eu já tinha a minha casa lá no Guará. Aí eu fiquei na situação de vulnerabilidade e fui pro Cras. Assim que funciona as coisas. É tudo bem dividido. Certo, não tem como eu estar na rua e fazer meus pedidos no Cras. Meus pedidos é do caps, é do pop, sabe?

**Quando o senhor está na rua é atendido pelo centro pop?**

[Quando estou na rua sou atendido no] Centro pop.

**O senhor tem ido ao centro pop, tem sido atendido lá?**

Não, não, não vou lá [no Centro pop] mais não. Não vou lá mais não, porque eu não sou da rua mais e agora eu não sou da rua, não tenho mais minha residência. Você vai falar, mas... Só que eu estou na casa [de acolhimento]. Essa casa aqui é do GDF. Eu não posso usar 2 instituições do GDF ao mesmo tempo, né.

**Mas a casa providência as outras coisas?**

A casa [de acolhimento] providência tudo que eu precisava resolver lá no [Centro] pop, é resolvido por aqui. Tanto que tem um técnico que falou contigo agora, né. Porque é essas casas, elas existem justamente para isso, para evitar aquela aglomeração lá no [Centro] pop, lá no centro popular é de quem está em situação de rua. Aqui é quem está em situação de vulnerabilidade.

**Qual é a diferença?**

A diferença [entre a situação de vulnerabilidade e a situação de rua] é que quem está na situação de rua, você tem uma dificuldade de arrumar emprego, você tem dificuldade para se vestir bem, para se dormir, aqui, não, aqui, cê viu que eu acabei de chegar agora. Hoje eu cheguei do caps, que toda quarta-feira tem tratamento. Mas durante a semana, ontem você queria falar comigo, ontem eu tava trabalhando, aqui a pessoa pode levantar cedo e ir para o trabalho. Aqui você pode ir lá no banco para abrir uma conta que você tem um endereço. Aqui é como se você tivesse na sua casa. É uma ponte, é uma ponte que o GDF te dá entre, eu estou puxando o saco aqui que eu sou do libanês, viu? É, é, não, é porque a verdade tem que ser dita mesmo, se está me ajudando, tem que ser dita. A casa é uma ponte entre a situação que você está na rua e você está na sua casa. É essa intermediação que eu falei para você que precisa, certo? Só que o tempo às vezes é muito pouco no tempo, aqui é só 3 meses. Eu consegui renovar por mais 3, porque expliquei bastante minha situação, porque 3 meses pra uma pessoa que chega, que tá na rua, 3 meses, não dá tempo de se organizar para ele ter uma casa e pagar o aluguel e ter sua situação financeira estabilizada, porque não adianta, a pessoa está na situação de rua, vem pra uma casa dessa, fica 3 meses, mal arrumou emprego, aluga uma casa e vai se estabelecer como, vai pagar um mês de aluguel, no outro mês ele não dá conta de pagar.

**O senhor já conseguiu algum benefício aqui?**

Consegui um [auxílio] vulnerabilidade [no acolhimento], vulnerabilidade eu consegui. Mas eu não consegui o prato cheio, que era o prato cheio que eu precisava dele para me ajudar. Para me ajudar com a minha filha, porque, porque eu preciso ajudar a minha filha, sabe? E como eu não tô conseguindo pagar a pensão direito. Quando eu tinha um prato cheio lá no DF, eu gastava metade e a outra metade a mãe, comprava coisas para minha filha, sabe?

**Mas o senhor pediu e negaram? Ou não deram a resposta?**

Pedi [o prato cheio] e não veio. Não veio porque o GDF tem a política deles, né. Por exemplo, o GDF, na hora que você pede o benefício, ele vai analisar sua situação e olha lá, [uma pessoa] está alojado na casa São José. Aí, vai, o analisador vai falar, se ele está na casa São José [acolhimento], porque é que ele precisa do cartão prato cheio? Se lá tem comida, almoço, café e janta, né? Então eu expliquei lá que eu tenho problema de saúde, que eu sou paciente renal do hospital de base, mas de certo, eles não aceitaram meu lado porque peguei um laudo antigo, sabe, porque pra pegar um laudo lá no hospital de base demora muito. Eu tenho as restrições alimentares. Se vê, todo dia aqui à noite, agora eu chego e tem que ir na padaria, tem que comprar um lanche. Eu tenho comprar lanche com meu dinheiro, né? Graças a Deus estou conseguindo uma graninha, mas antes os meses que eu estava sem trabalhar eu penei. Por causa da diabete eu tenho que comer, assim, não muito, mas tem que comer constante. Então, aqui a comida aqui é boa, mas ela serve a janta às 7:00 da noite e o café da manhã, 6 horas da manhã. São 11 horas do intervalo de uma refeição pra outra. E se uma pessoa tem uma diabete, se a pessoa tem um problema renal, é, e eu bebo muito remédio, inclusive os remédios do caps, aí me dá enjoo mesmo, tinha dia que eu acordar, aí, ruim pra caramba.

**Esse acompanhamento renal e do diabetes o senhor faz onde?**

Faz lá no hospital de base [meu acompanhamento renal e do diabetes].

**De quanto em quanto tempo?**

[Meu acompanhamento é de] 06 meses. O acompanhamento cê faz no postinho de saúde.

**O senhor consegue aqui no postinho?**

Faz no postinho de saúde, aí quando está muito alterado, aí você chega lá no hospital de base, já tá tudo no computador do meu médico.

**Qual foi a última vez que o senhor foi aqui no postinho?**

Eu fui ontem [no postinho de saúde], mas esse postinho aqui nunca tem médico. Esse postinho aqui [de São Sebastião] é problema. Acho que o pessoal que trabalha ali é só para receber o pagamento. Cê vê, tem 6 meses que eu estou aqui e eu não conheço a médica. 6 meses, e olha que eu sou paciente renal, é porque meus laudos não está aqui. A enfermeira conseguiu pedir um exame para mim o mês passado que eu tenho que fazer exame de 3 em 3 meses, sabe, aí o mês passado ela pediu exame para mim, que já estava com 4 meses vencido, aí, ela pediu os exames, eu consegui fazer os exames, vim agora esse mês, peguei o resultado do exame, está na minha mão, mas ela não leu ainda. Ela não leu, a sorte minha que o meu médico lá do caps leu o exame pra mim, falou que tava normal, porque quando está alterado tenho que ir para o hospital de base. Então, quer dizer, se eu fosse depender desse postinho aí, e a minha diabetes aumentasse, ou a minha creatinina, que a creatinina que mede o sistema dos rins, a função renal. Se a minha creatinina tivesse muito alta e eu dependesse dela, há, ia pra fila da hemodiálise de novo, porque eu tenho que fazer esse tratamento pra eu não voltar pra hemodiálise, sabe?

**O senhor fez hemodiálise?**

[Eu] Fazia a hemodiálise.

**Quanto tempo?**

Já tem mais 3 anos que eu parei de fazer [hemodiálise]. Aí, quer dizer, eu parei de fazer, mas porque eu faço meus regimes muito certinho, sabe? Só que agora, como eu estou morando na casa dos outros, eu não tenho muitas condições de fazer um regime. Não tenho mais condições de fazer o regime. Se eu tivesse, por exemplo, o cartão prato cheio, já tinha condições, por exemplo, o dia que é uma comida que eu não posso comer, eu podia ir ali comer outra coisa. Mas tá bom.

**O senhor explicou tudo isso e mesmo assim não liberaram?**

É porque pro GDF só eu explicar [minha condição de saúde] não vale. Eu tenho que provar, tem que ter o laudo e como eu estava na vulnerabilidade, na situação de rua, quem é que vai na situação de rua e traz um laudo na mão? Pra mim ir lá no hospital de base pegar um laudo, eu tenho que marcar uma consulta com meu, eu peguei o protocolo, só um protocolo para eles não serve, protocolo a gente pega rapidinho, mas o laudo demora 6 meses no hospital de base, pra pegar um laudo renal. Você pegar um laudo renal não é igual um laudo psiquiátrico, que cê vai lá no [Centro] pop e pega, um laudo psiquiátrico cê vai lá no caps e pega. Mas um laudo renal, tenho que falar com meu médico, e o meu médico já explicou que o hospital de base é um hospital que atende o Brasil inteiro. Então, quer dizer, eu tenho que fazer um acompanhamento no posto de saúde. No último caso, eu falo com ele, e o posto de saúde não tem autorização para me dar um laudo. Porque o posto de saúde é só uma ponte. A médica do posto de saúde, ela não me atende, ela só faz uma ponte entre eu e o doutor Igor Gabriel, que é o doutor Igor Gabriel que é o meu médico. Mas pra mim chegar no Doutor Igor Gabriel, só existe 2 caminhos, ou eu ficar na fila dos 6 meses, que é aquela fila que tem do lado de cá, ou se o meu rins estourar de novo, porque se meu rins estourar, eu for ali fazer um exame de sangue e no computador, ali, sair a creatinina acima de 5, por exemplo, que o normal é 1.4, vamos supor que ela sai 2.5, 3, aí ele já vai saber lá, aí sim, eu tenho autonomia para falar com ele imediatamente. Mas graças a Deus não chegou nesse ponto, nem vai. Não chega mais não porque eu parei de beber, parei de usar droga.